

Echos de Guimarães

X Ano

ORGÃO MONARQUICO

Numero 24

Redacção e Administração

EM GUIMARÃES

Rua Gravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor

JOÃO PEREIRA DA COSTA

Guimarães, 19 de Junho de 1926

Composição e Impressão

Tipografia «LUSITANIA»

Perto do Tribunal

Saudação

Para o Exército e para as prestigiosas figuras que o dirigiram, vai a nossa saudação mais sincera e calorosa, nesta hora de triunfo do Movimento Nacional.

Monárquicos intransigentes, não regatearemos o nosso aplauso como portugueses amantes da ordem e da justiça, aos homens da situação presente, se eles souberem cumprir o juramento feito ao iniciarem este grande movimento de regeneração Pátria.

Pela ordem, pelo bem colectivo.

Viva o Exército!

Viva Portugal!

.....

Concordamos

A nova fase que a situação política acaba de seguir, agrada-nos e deve satisfazer as aspirações de todos aqueles que estão cansados de aturar os desmandos políticos do actual regime.

O que estava era a negação do programa dos chefes do grande movimento militar que teve o seu feliz arranco em Braga, e que levou mais de 15 dias a entrar em Lisboa.

... Custou, mas não terá perdido pela demora.

Sempre nos pareceu que o sr. Cabeçadas era de mais naquele lugar.

A sua nomeação e as suas obras estavam fora do espírito que guiou os homens que se propuzeram dar a este país dias bem diferentes daqueles que temos tido, e por sinal bem amargos.

Felizmente que se agiu a tempo, e agora o que é preciso é entrar no caminho das realidades.

.....

O país quiere ...

Um governo de força que corte a direita, ou um governo de competências, apoiado no Exército, que desejamos e que a gente boa de Portugal quiere também.

Um governo que mantenha a ordem com pulso firme, punindo com o rigor da lei todos os abusos e governe com rigoroso escrúpulo, suprimindo imediatamente todas as despesas julgadas desnecessárias.

Mandar cada qual para o seu lugar, não se importando com os padrinhos deste ou daquele *patriota* que tem perdido o hábito de trabalhar, sustentado por este perdulário regime.

Acabemos com esse bando ignóbil de *revolucionários civis* e empregados públicos sem repartição, fazendo-os regressar às suas antigas profissões.

O artista que volte para a oficina, o lavrador para o amanho das terras e o vadio para as colónias que lutam com enorme falta de braços.

.....

Nacionalizar o quê? ...

As varias proclamações e declarações são em regra acompanhadas das sacramentais promessas de dignificar esta *coisa*, de nacionalizar esta *tolerada*, etc, etc.

Mas se o movimento é nacional, a que propósito vem este preâmbulo desnecessário e descabido?

Que dignificação pode ter uma *safada* que tem sido a maior vergonha destes últimos 16 anos!

Nacionalizar a desordem? Dignificar o crime?

Um movimento só é nacional quando feito para todos os portugueses, e não subordinado a qualquer seita ou bando.

R REPÚBLICA

Os dirigentes do movimento militar tem protestado que são republicanos e que com o seu gesto não querem atingir a república, mas os políticos.

Não seria muito mais simpático e não calaria mais fundo na alma nacional que eles, pondo de lado as suas ideias políticas, não se propuzessem outro fim senão salvar a pátria, levantando-a do miserável abatimento em que se acha? Fazendo protestos de republicanismo, como tem feito, não podem aproveitar todos os elementos de que precisam para se saírem bem da arriscada empresa a que meteram ombros, e dam ansa a intrigas que muito os ham-de embaraçar nos seus movimentos. Os políticos, conhecendo-lhes o fraco, não deixarão de por ali lhes armar campapé. A tarefa que tem a realizar, compe-os a fazer uma grande redução de despesas, a demitir todos os funcionários que sejam inúteis ou dispensáveis, e a castigar que tenham prevaricado. Aqui começarão as lamúrias, as reclamações e as súplicas daqueles que se julgarem feridos nos seus interesses. A república virá à balha, não faltando quem a julgue prejudicada com medidas tam violentas que vam ferir dedicados republicanos que ao regime prestaram grandes serviços. Far-se-há avultar o perigo monárquico, o avanço da reacção e todos os cavalos de batalha que os políticos videirinhos sabem manobrar para conseguir os seus fins. Ora já assim não sucederia, se os dirigentes, logo desde o princípio, não fizessem parada do seu republicanismo e frisassem bem, que não cuidavam de formas de governo, mas unicamente de restaurar a pátria. E demais não é um contrassenso que, tendo os republicanos com os seus crimes causado o descalabro que aí vemos, os salvadores queiram ter atenções com eles, não os descontentando e confiando em que dentro do actual regime ainda é possível o nosso ressurgimento?

Se a república em dezasseis anos de experiência deu isso que aí está, ainda pode haver esperanças de que se regenere e tome juízo?

Suponhamos que os militares com o seu gesto conseguem pôr a casa em ordem; e oxalá que o consigam; e o nosso mais ardente

te, desejo. Realizada a sua obra, a quem ham de entregar o governo? Aos republicanos, visto que fazem questão de formas de governo. E assim sucederá que dentro em pouco tempo verão destruída a sua obra de saneamento em que se empenharam. Ainda há republicanos honestos e dignos de consideração. Mas quantos são e qual é a sua organização? Poucos e desunidos. De modo que, retirando-se os militares do governo, tornarão os políticos republicanos a dominar e cometer todos os abusos em que são vezeiros; e a nossa situação ficará na mesma ou peor do que era antes do movimento militar. E foi para isto que os militares se revoltaram e fizeram tantas despesas com o deslocamento de tropas? A política republicana está julgada. A experiência de dezasseis anos não deixa a menor dúvida de que é inepta e corrupta. Os que verdadeiramente amam a pátria, reconhecem a necessidade de a substituir por outra que dê garantias de competência e de moralidade.

A.

Uma questão de inquilinato

Sr. Director do «Echos de Guimarães»:

Venho pedir-lhe o favor da hospitalidade das suas columnas, porque hei-de precisar, opportunamente da força da opinião publica da minha terra, para apoiar um acto de violencia que me vejo forçado a praticar, mais cedo ou mais tarde.

Ha uns cinco anos, herdei de meu sempre chorado tio Padre João José Lopes Pimenta, uns modestos bens que são, hoje, a unica fortuna dos meus filhos. Esses bens ficaram em usufructo á Senhora minha tia D. Joaquina Pimenta de Meirelles. Fallecida esta Senhora ha pouco mais de um anno, entrei na posse absoluta d'esses bens. Constitue-os, com outros, o Casal da Madre de Deus, sito no lugar da Madre de Deus de fóra, freguesia de S. Pedro de Azurey, composto de parte rustica e parte urbana.

Ha annos, permittiu-se, por favor, ao sr. Padre Manoel Gomes, irmão do meu querido amigo e illustre conego da Collegiada de Guimarães, José Maria Gomes, que fosse ocupar a casa da Madre de Deus. O sr. Padre Gomes installou-se na casa. Ha tres annos, pedi-lhe eu, pessoalmente, directamente, e no tom mais amigo, que dentro do anno que então começava, elle fizesse o favor de me deixar a casa, para eu a ocupar, ou quando fosse a Guimaraens, ou até mesmo se me resolvesse a regressar definitivamente a Guimaraens. O sr. Padre

Não nos enganamos

Pelo pouco que temos dito em nossos últimos números, se vê que estamos absolutamente certos do que era forçoso dar-se sem perda de tempo.

Felizmente que os dirigentes viram o perigo a tempo, e souberam dar-lhe remédio, o remédio seguro. E' assim mesmo que é preciso obrar. Não há meias doses.

Para a frente é o caminho e ninguém regateará o apoio aos homens que se proponham governar com pulso firme sem dar ouvidos a políticos.

.....

Diz-se ...

Que em certa repartição se trabalha até altas horas da noite a fim de apressadamente pôr a casa em ordem (?)

—Que pena que tudo isto vá a passo de carangueijo dando tempo que se acercentem as contas... de sacco.

Gomes, esfregando vagarosamente as mãos, disse-me que sim, que ia procurar casa. Passou um anno, passou outro anno, está a passar terceiro anno, e o sr. Padre Gomes, continuando a esfregar as mãos, vagarosamente, mandame dizer pelo seu advogado, que não deixa a casa. Tenho-me farto de escrever cartas ao sr. Padre Manoel Gomes, tenho-lhe mandado emissarfos, tenho feito tudo, para que o sr. Padre Manoel Gomes, rico proprietario em Villa Verde, bem tratado de banhas e de bens, me deixe a casa que occupa, e que é minha; de que preciso, não para fazer negocio, mas para ter onde repousar a minha mais que atribulada saude, durante uns mezes de verão. Appellei para a caridade christã do Padre, depois de ter invocado os sentimentos de homem. Tão mudo foi o Padre, como tinha sido o homem.

Disse-lhe que estava doente, que os meus nervos esgotados por annos de uma lucta tenaz, precisavam de uma cura de repouso; disse-lhe que os meos são fracos e precisam de mudança de ares. O sr. Padre Manoel Gomes, esfregando as mãos gorduchas, fez-se desentendido. Se sua Reverendissima não tivesse casa para viver, eu sacrificava-me sem queixumes; se eu tivesse outra casa, embora menor ou peor, não importunaria o sr. Padre Gomes; se eu tivesse saude, e os medicos me não impuzessem a sahida de Lisboa, eu callava-me; se quizesse a casa, para fazer negocio, callava-me ainda.

Mas o sr. Padre Manoel Gomes tem a sua casa em Villa Verde; eu não tenho outra; preciso d'ella, não para negocio, mas para bem da minha saude que é pouca.

O sr. Padre Manoel Gomes, teimando em occupar a minha casa, em privar-me d'ella, com prejuizo manifesto da minha saude, falta aos seus mais elementares deveres de christão, e Parecho de almas, e perde toda a auctoridade para julgar os peccados dos seus parochianos.

Vejo-me na necessidade de lançar mão de uma violencia. Mais tarde ou mais cedo, a violencia virá. Quero prevenir a opinião publica da minha terra, para que ella me não falte com o seo apoio, na hora da violencia, a que sou arrastado pela attitudo indesculpavel do sr. Padre Manoel Gomes.

Agradecendo a V. ... a fineza da publicação d'estas linhas, sou seu amigo grato

ALFREDO PIMENTA.

Lisboa, 15 de Junho de 1926.

Disfracções

Mas...

Já se estão lavando alguns cêstos em Lisboa, não se podendo negar, portanto, que estejamos fóra da época das vindimas. Alguns lavradôres sem escrúpulos aproveitam a água dessas lavagens para os lagares do môtto, e, assim, avolumam a quantidade da produção não fazendo caso da qualidade. Era isto o que queriam os políticos de todas as matizes que, tendo colocado um palhaço articulado em frente do Paiz, esperavam que as bórras ou fezes que esse palhaço espremeira, amassára ou manipulára, na lavagem geral dos utensílios da revolução militar, dessem entrada no grande lagar da Pátria, de forma a que a qualidade se ressentisse, se não já, pelo menos apoz a fermentação. Não aconteceu assim!...

O exercito quiz assistir, como bom administrador, a essa barrela e no final impoz que o esterco, as bórras fossem desde logo, lançadas ao saguão, á retrete, ao sítio dos despejos!

Assim se fez. Assim está feito!... Foi escrito com a ponta das espadas portuguezas uma página a mais na historia contemporanea. Vamos a vêr se chegaremos a lêr os adjectivos que os historiadores, daqui a poucos anos, lhe antecederão por lei gramatical. Mas...

Mas o que tiver de sêr tem muita fôrça!

V. M.

O LEITE

Várias pessoas se nos teem dirigidô pedindo-nos para lembrar, a quem compete, uma rigorosa fiscalisação ao leite que se vende nesta cidade.

Há vendedeiras sem escrúpulos que vendem para aí uma verdadeira «mixórdia» a que dão o nome de leite e que nos vai envenenando a pouco e pouco.

E' bem manifesta a mixórdia: quando consta que o leite vai ser analizado, certas mulherzinhas que o vendem fogem da feira. Porquê? Elas o sabem.

Todo o rigor da lei é pouco.

ERADO

2 EM 1

Um só fluido Removedor

Remove tinta e iodo, nódoas de frutas ou quaesquer outras substâncias do papel, sêdas, linhos, cortinas, tapetes e outros tecidos.

Não contém ácido livre e não deixa manchas. Inofensivo às mãos e tecidos. Uma necessidade em todo o escritório e moradia.

Vendido anteriormente com a marca de fábrica registada de INK OUT.

Vendido em frascos.

Cada frasco, 5\$00

NA MONARQUIA TAMBÉM HAVIA...

Apenas os monárquicos censuram aos republicanos algum abuso, veem logo estes muito lampeiros dizer que na Monarquia também houve abusos e que por isso não há motivo para que aqueles censurem a estes. A' primeira vista, para quem vê as coisas por alto e não procura profundá-las, parece razoável este modo de defender a república. Na Monarquia houve abusos e na república também os há. Que autoridade teem os monárquicos para censurar os republicanos? Não nos contentemos, porém, de olhar as coisas à superfície; estudemo-las com mais profundidade e veremos que os republicanos, alegando os abusos da Monarquia para se desculparem dos que vam cometendo, fazem uma miserável defesa. Senão vejamos. Quais foram os motivos da propaganda republicana? Pôr còbro aos abusos da Monarquia. A república foi implantada para sanear a administração do Estado, que, no dizer dos republicanos, era inepta e immoral. Se este foi o fim de se mudar de regime, que desculpa podem ter os abusos que agora se cometem? Que vale, para os justificar, a alegação de que também os havia no antigo regime?

Bem sabemos que os havia; e porque os havia e para acabar com êles é que se estabeleceu a república. De modo que os republicanos, se tivessem algum pundonor, nunca invocariam os abusos do antigo regime para se desculparem dos que a cada hora estão cometendo. Em lugar de os invocarem, deviam proceder com honestidade inconcussa, tino apurado, intelligência esclarecida e dizer aos que ainda se acham aferrados ao regime antigo: desenganai-

-vos, porque, como vêdes, na nossa administração não há immoralidades como havia na Monarquia. Mostram-vos os factos, embora o não queirais, que o novo regime é mais perfeito. Mas que vemos nós?

Os abusos antigos persistem todos, muito aumentados e agravados; e os republicanos não se contentaram de os conservar, renovar e aumentar; ainda lhes acrescentaram outros novos, inéditos e muito mais escandalosos. E foi para nos darem esta bela obra, com que até muitos republicanos estão indignados, que se mataram, na revolução de 5 de Outubro e nas outras que se lhe seguiram, centenas de pessoas, se causaram prejuizos de milhares de contos na fazenda pública e particular e se produziu um tam grande abalo na vida nacional!

Os republicanos podem impar de satisfação, contemplando os belos enfeites com que teem adornado a dama das suas afeições. Nunca se viu tanta desfaçatez. Renegaram por completo todos os princípios que durante a propaganda tinham preconizado. As grandes promessas com que engramparam o povo nos comícios e nos jornais, lançaram-nas para traz das costas como pérfidos embaidores. A ânsia que mostravam da governação pública, não provinha do civismo que apregoavam, mas da sofreguidão com que desejavam apoderar-se dos cofres da nação para se fartarem. E ainda teem o descôco de apresentar essa república que aí está e que êles conspurcaram com os seus crimes, como superior em méritos ao regime decaído! Muito pode a cegueira ou a ambição!

P.

Para onde vamos?

Da Casa Editora A. Figueirinhas

E' um livro oportuníssimo que pode fazer muito bem e que por isso se deve espalhar por toda a parte.

Da vida futura correm muitos êrros, filhos da ignorância ou duma falsa sciência. Convem aproveitá-los a fim de que conhecidos, sejam repellidos e não produzam os seus efeitos nocivos. Estabelece a verdadeira que devemos aceitar, o autor Lodiell, um ilustre membro da Companhia de Jesus, estribado nos dados mais seguros da teologia e da filosofia cristã e no testemunho de factos autênticos.

Quando o sensualismo dominante circunsereve as suas vistas à terra e faz dum prazer o seu ídolo mais venerado, é oportuno e salutar este brado de âlerta, que, relembrando-nos a fugacidade da vida presente, nos aponta a eterna como ponto fixo dos nossos destinos. Depois dêste mundo transitório ha de haver outro onde cada um de nós ha de receber prémio ou castigo, consoante os nossos méritos ou desméritos. O conhecimento do nosso destino eterno tem um poderoso influxo na nossa vida moral.

Os nossos aplausos ao ilustre autor que escreveu obra tam salutar, ao tradutor que, para a divulgar, a verteu em portuguez, e ao editor que se aventurou a publicá-la; porque todos assim concorrem para que os leitores do "Para onde vamos?", tenham um verdadeiro senso da vida.

A' mão amiga que com uma dedicatória amavel se dignou enviar-nos um exemplar, os sinceros agradecimentos. — P. A.

«O Tripeiro» — Foi distribuido o n.º 12 desra interessante publicação portuense que insere apreciavel colaboração:

SUMÁRIO: «Jornais da minha terra», por Alberto Bessa; «A rua das Congostas, como a conheci», por Pardilhó; «Souza Moraes e José Nunes», por Adriano Nazaré; «O médico portuense Fortunato Augusto Pimentel (com retrato)», por João Pimentel; «Historia bairrista», Subsídios, por J. M. Gonçalves Viana; «Os do Camanho», por Bernardo Lucas; «O rio Douro», por Henrique de Campos Ferreira Lima; «Romarias», pelo Dr. Domingos Ramos; «Noite de S. João», pelo Dr. Ricardo Jorge; «O burgo do Porto» — Aos bibliophilos. «O mestro Roncagli o os seus discipulos» (com três retratos), por H. P.; Notas a «O Tripeiro»; Correspondencia entre leitores — Respostas — Novas perguntas.

Asilo de S.^{ta} Estefania

A's almas caritativas lembramos esta simpática instituição de caridade que vem atravessando uma crise financeira gravissima.

Além da alimentação das internadas tem esta casa uma obra que se impõe para completar. A entrada para o edificio é de urgência concluir-se. Os meios escasseiam.

Que alguém se lembre de auxiliar com a sua esmala esta tão util instituição para que a obra que está por concluir há tantos anos se leve até ao fim.

CASA

Compra-se ou aluga-se pequena, preferindo-se fora do centro e isolada. Carta á redacção a A. L.

Dr. Alberto Baptista

Doenças da boca, dentes e maxilares

Rua Eugenio dos Santos, 36.
LISBOA

Leilão de Penhores

No dia 18 de Julho próximo, terá lugar na Casa Garantia Penhorista, sita na rua do Gravador Molarinho n.º 13-A, desta cidade. Pede-se aos srs. mutuários o favor de mandar pagar os juros em atrazo até ao dia 15 do referido mês.

Guimarães, 17 de Junho de 1926.

Oliveira & Companhia.

**AUTOMOVEL
FIAT**

Vende-se um, tipo Sport.
Estado de novo.

CASA ATLAS

«Ecos de Guimarães»
— Tiragem 2 000 exemplares.

ÊXITO ARTISTICO

Encerra-se hoje, 20 do corrente, conforme estava anunciado, a exposição de pintura do nosso querido conterrâneo e consagrado artista Abel Cardoso, aberta ao público no salão nobre da Sociedade M. Sarmento.

O esplêndido êxito que ela obteve entre nós estão aí, unanimemente, a proclamá-lo todos quantos tiveram a fortuna de subir os degraus daquela casa—e tantos foram êles!—para admirarem os formosos trabalhos do nosso pintor illustre, tecendo-lhe não só os mais rasgados elogios, como também adquirindo os seus quadros quasi por completo. Desta vez os *santos da porta* fizeram *milagres*... — e nem outra coisa era de esperar, atentos os reais méritos do expositor.

E' que estamos na presença dum artista profundamente regional, amando, acima de tudo, a terra onde nasceu, êste formosíssimo rincão minhoto todo perfumado e florido, qual manhã de Páscoa, e que ante a sua deslumbrante paisagem aprendeu a adorar a natureza que é a sua musa inspiradora. Cada tela sua é bem uma écloga virgiliana, cuja policromica sinfonia de côres nos extasia os olhos e delicia a alma!

Dir-seia que o artista andou perdido por esse montes e vales, pousando, aqui e alem, o seu cavalete e arrancando do próprio seio da terra as tintas que derramou em seus quadros... E como ele consegue sempre dar uma nota de beleza a cada novo motivo encontrado, quer seja à luz clara do meio-dia, ou às horas tristes do crepusculo!

Não conheço artista que melhor interprete esta natureza privilegiada, êstes campos verdes e estas messes loiras, êstes prados e êstes lameiros, choupos esguios e carvalhos seculares, moinhos rústicos, casais fumegantes... Que simplicidade e que poesia! Às vezes, numa pequenina tela de dois palmos, que vastos e soberbos horizontes se desenrolam á nossa vista!

Eu julgo que Abel Cardoso compoz duas obras-primas com os seus belos quadros «Espuma irisada» e «Levantar da bruma», que são marinhas verdadeiramente magistraes. Outros trabalhos ainda executou, igualmente belos, dos arredores de Viana, como



ALEGRIA INFANTIL

Quadro de Abel Cardoso

(Vendido na Exposição de Lisboa)

os «Moinhos arruinados», «Bairro das Ursulinas», etc.

Mas, sobretudo, a paisagem da nossa terra mereceu-lhe especiais desvelos, foi aqui que o seu coração se alargou, palpitando com mais força, até emocionar-nos sensivelmente.

E' o «Sorriso da primavera», cuja luz parecem flores caindo sobre os novelos revoltos da água; «O inverno agonizante», de tons sugestivos; as «Casas pobres», numa chapada de sol feliz; o «Arrabalde», mimo de côr e diafanidade, avistando-se o casario lilaz da cidade, ao longe, sôb um céu verde-claro; a «Ponte velha», «Um espelho do céu» e tantos outros, destacando apenas êstes para não nos alongarmos mais.

A rude e estranha paisagem do Gerez ofereceu também ao nosso artista interessantes aspectos, que bem nos dão a ideia daquelas ásperas serranias, cobertas de negros pinheirais e fitando sobranceiramente o abismo. A exemplo, a «Manhã na serra», fria e glacial, a contrastar com «A última luz na cumiada», quadros do mais surpreendente efeito.

Conquanto sejam menos os trabalhos de figura, não significa que o pintor seja inferior neste genero, como flagrantemente o provam «Os humildes» e «Meditação», tendo também delicados interiores, como a «Reliquia profanada».

Abel Cardoso viveu longo tempo recolhido no silêncio do seu atelier provinciano, como monge em sua cela, absorto no seu sonho de Arte, cheio de modéstia e de bondade, beneditinamente amontoando telas sôbre telas, como que à espera que a glória lhe batesse à porta, até que um dia resolveu aparecer — e triunfou. Nem outra coisa era de esperar do seu real talento.

Eu tive a enternecedora e intima ventura espiritual de ouvir as magnificas impressões que produziram os seus quadros, vai para dois anos, em Lisboa, na segunda exposição que Abel Cardoso realizou, depois da do Porto, sendo claramente justificados os louros que colheira e recebendo os melhores estímulos e incitamentos por parte da crítica autorizada.

Felicitando-o, vivamente, pelo seu grande êxito obtido, felicitamos também todos os patrios que tiveram o feliz ensejo de levarem para os seus lares um trecho da sua arte.

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

Exposição de Pintura

Tem causado um verdadeiro successo a exposição do estimado vimeranense sr. Abel Cardoso.

A concorrência tem sido grande e os seus quadros de tal forma admirados que quasi todos se encontram vendidos:

N.º 5 — «Reliquia profanada», ao Ex.º Sr. Alvaro Costa Guimarães.

N.º 15 — «Uma levada ho Selho», ao Ex.º Sr. Francisco José Ribeiro.

N.º 65 — «Poente no mar», ao Ex.º Sr. Simão Costa Guimarães.

N.º 12 — «Casas pobres», ao Ex.º Sr. Amadeu Carvalho.

N.º 7 — «Tapeçarias», ao Ex.º Sr. Amadeu Carvalho.

N.º 13 — «A cerca», ao Ex.º Sr. José dos Reis Teixeira.

N.º 40 — «Sol de outono», ao Ex.º Sr. Gualdino Pereira.

N.º 57 — «Herdade Minhota», ao Ex.º Sr. João de Melo.

«Um lugar», ao Ex.º Sr. José Pinto Teixeira de Abreu.

N.º 26 — «Casa de lavoura», ao Ex.º Sr. Francisco Martins Aldão.

N.º 49 — «Moinhos arruinados», ao Ex.º Sr. José da Costa Santos Vaz Vieira.

A exposição encerra-se amanhã, domingo, às 6 horas da tarde.

Officina de S. José

Foi eleita a comissão administrativa da officina de S. José para o triênio de 1926-1929.

Presidente, Dr. João Martins de Freitas; Vice-presidente, José Figueiras de Souza; 1.º Secretário, Dr. João de Almeida, 2.º Secretário, Alberto Teixeira Carneiro; Tesoureiro, José da Costa Santos Vaz Vieira; Vogais, Casimiro Martins Fernandes e Manuel Pereira Mendes.

Cabeceiras de Basto

Os mancebos recenseados no corrente ano, pelo concelho de Cabeceiras de Basto, teem de se apresentar à Junta de Recrutamento nos dias abaixo indicados e com a seguinte ordem de freguesias:

Julho, 10 — Abadim, Alvite, Arco de Baulhe e Basto.

Julho, 12 — Bucos e Cabeceiras de Basto.

Julho, 13 — Cavez e Faia.

Julho, 14 — Gondiaes e Samão, Outeiro, Painzela.

Julho, 15 — Passos, Pedraça.

Julho, 16 — Refogios de Basto.

Julho, 17 — Rio Douro, Vila Nune e Vilar de Cunhas.

«Auto das Flores»

Volta a representar-se pela 4.ª vez na próxima segunda-feira, o «Auto das Flores» original do sr. A. L. de Carvalho que do público tem recebido gratos aplausos nas anteriores representações.

Representarão 65 personagens, alunos da Escola P. Geral.

1.ª parte: — *grupos*: — Flores, Pastores, Borboletas, Abelhas, Camponesas e Lavradeiras.

Guarda-roupa de Jayme Valverde (Porto).

8 números de música — Composição do Regente da Banda d'infantaria 20 sr. Tenente Ribeiro Dantas.

2.ª parte: — Grande Jazz-Band Infantil.

Vende-se

Uma propriedade em Carneiros denominada «Lemos de Baixo», com casa para caseiro, terreno lavradio e mato, vinho e fructas. Para tratar, Avenida da Republica 134 Taipas.

Quinta Compra-se uma de rendimento, servida por estrada e nas proximidades do Caminho de Ferro, preferindo-se com casa de senhorio.

OS DOIS ENGETADOS

OU

-(A Formosa Gabriela)-

Por MAXIME VALORIS

Pequeno romance francês, ornado de numerosos e bellissimas estampas de pagina

Para que todos os apreciadores de leitura romantica possam avaliar o interesse deste extraordinario romance, dar-lhe hemos a seguir algumas explieções sobre a acção que decorre em Paris logo no começo:

«A Formosa Gabriela, que de principio é considerada como abandonada desde nascença, é mais tarde reconhecida como descendente de familia de alta aristocracia; antes disso, porém, não podendo corresponder ao violento amor que lhe declarou o conde de La Crouzette, por se achar comprometida na sua honra, resolve suicidar-se, no que é obstada por um auxilio inesperado, mas ficando lonca durante algum tempo.

O conde de La Crouzette, julgando ter deixado de existir a «Formosa Gabriela», dedica toda a sua amizade ao filho da desventurada, o qual fica sendo conhecido pelo nome de «Filho de Deus», por ter sido abandonado em uma igreja pela condessa de La Crouzette, impulsionada pelos seus grandes ciúmes.

DISTRIBUIÇÃO E EXPEDIÇÃO AOS TOMOS DE 32 PAGINAS, AO PREÇO DE UM ESCUDO

Casa editora

Belem & C.ª, — Suc.

Calçada do Combro, 29-2.º — LISBOA

Os melhores chapéus são os da **CASA MARTINS**. — Largo Prior do Crato.

CARTEIRA

"Era uma vez..." Para que?
Não vale apenas contar,
Porque uma história de amor
Todos sabem, é vulgar.

Vou-me embora. Tu não chores
Que afinal eu não te esqueço;
Pois quem ama, ao despedir-se,
Pensa logo no regresso.

ABILIO DE MESQUITA.

Aniversários

Durante a semana fazem anos as Ex.^{mas}
Senhoras e Cavalheiros.

Domingo 20—D. Maria Luiza Cardoso
Martins de Menezes (Margaride)

Segunda 21—D. Ana Candida da Silva
R. Martins e Dr. Luiz Martins Pe-
reira de Menezes, e Eduardo José
Ribeiro.

Terça 22—D. Rosaria Vilaça Rodrigues
da Silva.

Quarta 23—D. Maria de Lourdes Leite
d'Almada e Fernando Bourbon
(Lindoso).

Quinta 24—D. Isabel Vilaça Rodrigues
da Silva.

Sexta 25—D. Maria Tereza Vieira Pei-
xoto de Vilas Boas (Guilhemil), e
Domingos Ribeiro Martins da Cos-
ta (Aldão).

Sabado 26—D. Maria Adelaide do Cou-
to Ribeiro Vilas, D. Maria Amalia
A. Menezes, D. Ana Fernandes e
D. Maria Adelaide P. D. de Castro.

Nascimentos

Teve ha dias a sua feliz delivrance
dando á luz uma menina a Ex.^{ma} Senho-
ra D. Julia Leonor Margaride esposa do
Ex.^{mo} Sr. Luiz Cardoso Macedo Mar-
tins de Meneses.

Mãe e filha estão de saude.
Os nossos cumprimentos.

Teve o seu bom successo dando á luz
um menino a Ex.^{ma} Senhora D. Maria
Luiz Cardoso de Menezes Moraes, espo-
sa do sr. Cesar Augusto de Moraes,
ilustre capitão d'infantaria 20.

Mãe e filha estão bem.
Os nossos cumprimentos.

—Teve o seu bom successo, dando
á luz uma menina a ex.^{ma} sr.^a D. Ma-
ria do Espirito Santo Matos, esposa do
sr. Adriano Trepá.

Os nossos cumprimentos.

Partidas e chegadas

Regressou a esta cidade a ex.^{ma} sr.^a
D. Maria da Natividade Campos Henri-
ques.

—Para Leça da Palmeira seguiu, com
sua ex.^{ma} esposa, o sr. dr. M. Simaens.

—Regressou do Gerez o sr. Francis-
cisco Martins da Costa (Aldão).

—Vimos nesta cidade o sr. António
Augusto Rebelo de Magalhães, de Fafe.
—Esteve na quinta-feira entre nós, o
sr. António Maria de Melo Teixeira Vaz,
de Celorico de Basto.

—Estiveram nesta cidade os nossos
bons amigos srs. José Martins Léo,
Armando Dias da Silva e Tibério
Duarte.

—Deu-nos o prazer da sua visita o
nosso prezado amigo sr. José Ferreira
Fernandes.

Armando d'Abreu

Deu-nos o prazer da sua visita o
nosso prezado amigo sr. Armando
d'Abreu, que em Fafe se encontra a
a passar uma temporada.

Musica

Amanhã, domingo, se o tempo
permitir, a banda de infantaria 20 exe-
cutará no Jardim Público o seguinte
programa:

1.^a Parte—«Marche des Philosophes»
Eenhães; «Mercedes», ouverture, Des-
sáue; «Un hora di Vacanza», Comédia
lírica, Aniolissi; «La Gioconda» Opera,
Ponchielli.

2.^a Parte—«Si», opereta, Mascagni;
«La Entrá de La Murta», Giner; «Per
Asp e ra ad Auzas», (1914), B. de

Correspondências

Taipas

Realisou-se no passado domín-
go conforme aqui tínhamos noti-
ciado, no magnífico campo de jo-
gos do Club de caçadores das
Taipas o desafio de Foot-Ball en-
tre o Sporting Club de Braga e
o Club de caçadores das Taipas,
para disputa do campeonato Dis-
trital (2.^{as} categorias), tendo ter-
minado com o resultado de 6-3 a
favor do Sporting, resultado este
que não está em relação ao jogo
desenvolvido pelos nossos jogado-
res que teriam ganho se a arbi-
tragem fôsse imparcial como era
de esperar.

Mas não, a arbitragem foi
dificientíssima tendo prejudicado
muitíssimo o nosso grupo, que
desenvolveu foot-ball como poucas
vezes.

Dizem-nos que os nossos jogado-
res protestaram junto da As-
sociação de Foot-Ball Club de
Braga e esperamos que ela anule
o desafio e batendo-se os dois
grupos novamente, com uma ar-
bitragem imparcial negará depois
o título àquele grupo que legiti-
mamente o conquistou.

Estou convencido que o Spor-
ting não quererá usufruir um
título que envergonharia pela for-
ma como foi conquistado.

Esperamos que a Associação
faça justiça.

—Realiza-se amanhã em Cam-
pelos uma imponente festividade
religiosa em honra de S. José, que
constará do seguinte:

De manhã missa sotene com ser-
mão por um distinto orador. De
tarde arraial que será abrilhan-
tado com duas afamadas bandas
de música, a do Pevidem e a da
Povoa de Lanhoso e barcos re-
creativos no rio Ave. A noite
haverá fogo pelos nossos melho-
res pirotecnicos e continuarão a
tocar as duas afamadas bandas,
e muitas outras surpresas.

Pelo que nos dizem será uma
festa imponentíssima.

—Também se realiza amanhã
em S. Martinho de Sande a tra-
dicional festividade em honra do
S. S. Sacramento.

Regressaram de Lisboa acom-
panhados de suas Ex.^{mas} esposas
os nossos bons amigos srs. José
Ribeiro de Castro e Mendes Lei-
te de Faria, importantes capita-
listas desta localidade.

—Também se encontra entre
nós o Ex.^{mo} sr. Artur Moraes
Guimarães, importante capitalis-
ta da cidade de Lisboa.

—Teve a sua delivrance no
passado dia 14, dando á luz uma
linda menina a Ex.^{ma} Senhora
D. Rosa da Costa Ferreira Pin-
to Guimarães, dedicada esposa
do nosso prezado amigo sr. Fran-
cisco Ferreira Guimarães.

Mão e filhinha estão bem. Pa-
rabens.

C.

De luto

Pelo falecimento de sua sau-
dosa esposa encontra-se de luto o
nosso bom amigo sr. José dos San-
tos, industrial na Cruz da Pedra,
a quem por tal motivo enviamos
sentidos pesames.

Vizela

Parece que dentro de pouco
tempo vamos, finalmente, ter aqui
o tão desejado telefone — melho-
ramento ha muito esperado.

Ontem esteve nesta localidade
o Sr. E. P. do Porto que veio
tratar da verificação para a linha
e cabine no correio. Muito bem.
Visela, não podia, realmente, fi-
car alheia ao telefone, que muita
gente, prefere ao telegrafo, e,
sendo, de mais a mais, uma ino-
vação aqui, claro está que a terra
recebe com imenso agrado tão
belo melhoramento.

Evidentemente, que não deve-
mos ser retrógrados... sob pena
de cairmos no ridículo!

Visela, — repetimos —, tem,
necessariamente de progredir e
tornar-se cada vez maior. Até
mesmo na sua situação topográ-
fica pode e deve dilatar-se.

Se para o engrandecimento da
terra se unissem e conjugassem
todos os elementos e todos os es-
forços, muito melhor resultado
prático de tudo se obteria!

E que ha inergias e competen-
cias várias por ahí espalhadas,
notando se às vezes uns certos
dissentimentos que muito prejudi-
cam e contrariam.

No dia em que a união fôsse
leal e completa o efeito poderia
ainda ser melhor para lucro de
todos.

Se fôssemos a escrever tudo
que sentimos... oh! como teria-
mos de abordar tanto assunto pú-
blico e particular—visto que, no
tocante a ambos, algumas coisas
se relacionariam connôco, que re-
putamos de ingratidão para quem
só tem exaltado o valor da terra,
desenvolvido a sua expansão, de-
fundido os seus interesses e louva-
do o seu progresso sem que, uma
única vez, tenha escrito, conscien-
tamente, uma só palavra que me-
lindrasse qualquer pessoa. E man-
ter essa imparcialidade, algo difí-
cil se torna aqui!...

Nem mesmo assim nos livra-
mos (sabemos lá quantas vezes!)
de más vontades ou injustiças na
forma de apreciação ou comentá-
rios! E agora... na adversidade?

Quão duro é reconhecer-se que
a maior parte dos amigos olham
a gente com indiferença e acen-
tuada friesa!

Como que a desventura, envol-
ta sob um ou outro aspecto, não
possa igualmente cair a outros!
Como que percalços de vida não
possam, ou não venham até, eno-
doado muitas pessoas!

Quem pode, pois, comprazer-se
com o infortúnio? Ninguém, que
seja sensato e pense bem!

Cá estamos nós no campo dos
desabafos... para onde a pena
nos vai conduzindo quasi imper-
ceptivelmente, sem grande von-
tade nossa!

Diz-nos um querido amigo, a
quem a nossa desdita mereceu
compaixão, que temos, no entan-
to, a mania da perseguição!...

Será assim. Concordamos em
parte... e pode realmente ser o
espírito agora doentio que nos
cause tanto labirinto de sombras
numa tristeza tão profunda e ina-
pagável!

NOTICIARIO

Pedido de casamento

No domingo passado, pelo
sr. P.^o António Teixeira, foi
pedida em casamento para o
nosso bom amigo sr. Domín-
gos Hermenegildo Alves de
Freitas Guimarães, a sr.^a D.
Ludovina Xavier de Campos,
prendada filha do abastado
proprietario de S. Clemente de
Sande sr. João de Campos e da
sr.^a D. Albertina Xavier de
Campos.

O noivo é muito estimado
pelas belas qualidades de carac-
ter que possui. A noiva, me-
nina muito gentil e muito es-
timada pelas suas excelentes
qualidades, reúnem belos pre-
dicados.

Por tal motivo, um seu ami-
go felicita-os afectuosamente,
em especial o noivo, fazendo
ardentes votos para que o seu
futuro lar seja tapetado de
muitas felicidades.

Testemunho de gratidão

Tendo sido vítima de uma co-
barde agressão na noite de 1 de
Junho passado, pelo que tive de
recolher ao Hospital da Santa
Casa da Misericórdia onde desve-
lado e carinhosamente fui tratado
pelo distinto clínico ex.^{mo} sr. dr.
Joaquim José de Meira, venho
publicamente afirmar os meus
protestos de eterno reconheci-
mento.

A' ex.^{ma} Irmã da enfermaria
n.^o 5 D. Maria Emília, aproveito
a oportunidade para lhe apresen-
tar os meus sinceros agradeci-
mentos, e assim, a todos os meus
bons amigos e pessoas das minhas
relações que se interessaram pelo
meu estado de saude e me con-
fortaram com palavras amigas.

Guimarães, 18 de Junho de
1926.

José Torcato Ribeiro.
Of. das Execuções Fiscaes.

Mas perdoe-nos o bom amigo:
algumas razões temos que dão
origem ás nossas suspeitas!

Custa-nos a convencer que al-
gumas dedicações tão bruscamen-
te se modifiquem... onde diabo
é? Ainda ontem outro amigo nos
dizia: «F... a quem você escre-
veu, tem muita pena si! Sei a
quem elle disse isso.»

—Pois no entanto, essa pessoa
nem uma única palavra que pro-
curasse reanimarme na minha
dôr!... E era meu amigo!

E mais ainda outras pequenas
coincidências. Fora disto, temos
recebido, é certo, boas provas de
amizade e compaixão de muitas
pessoas, para as quais infindamen-
te vei o nosso mais terno e com-
pleto reconhecimento.

E como ainda não somos mu-
ito velhos, esperamos melhores
dias, confiados na Providência,
para que a nossa gratidão possa
tornar-se efectiva. Quem sabe ain-
da as modificações que a terra
dará na sua rotação diária?!...

C.